

ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA ALAGOINHENSE TECENDO SIGNOS DE INDEPENDÊNCIA

Gislene Alves da Silva¹
Jailma dos Santos Pedreira Moreira²
Maria José de Oliveira Santos³
Vanessa Silva Paz⁴

Resumo

Trata-se de uma reflexão sobre a literatura de autoria feminina de Alagoínhas (BA). Sendo assim, buscamos trazer para cena algumas escritoras e suas produções, acompanhadas de uma discussão sobre o que tratam seus textos, aqui recortados, e como estas mulheres têm feito para produzir e dar visibilidade a seus escritos. Aliado a tudo isso perpassa um debate sobre nossa independência, aproveitando o trabalho com a palavra desenvolvido por cada escritora estudada e seu processo de produção-publicação. Para tanto, como dissemos, elegemos algumas escritoras alagoínhas e recortes de sua produção, bem como consideramos pesquisas feitas sobre a temática e outros estudos condizentes. Nesse sentido, destacamos algumas autoras que nos ajudam na reflexão, como Schmidt (2017), Alves (2005) Lugones (2020), Santiago (2020), entre outras. Por fim, percebemos que as escritoras alagoínhas se apropriaram da palavra e têm nos ajudado a refletir sobre formas de aprisionamento da nossa vida, assim como indicam signos de resistência que nos levam a pensar sobre a nossa real independência. Tal trabalho, construído em forma de parceria, sem contar com políticas mais específicas e sistemáticas apontam demandas e caminhos tecidos na e com a literatura, retomando memórias, histórias, outras perspectivas contra um capital-patriarcal-racista-colonial e em prol de uma reexistência. **Palavras-chave:** Literatura. Produção feminina. Independência. Re-existência

BETWEEN MEMORIES AND STORIES: THE LITERATURE OF FEMALE AUTHORS FROM ALAGOINHAS WEAVING SIGNS OF INDEPENDENCE

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura Universidade Federal da Bahia (2018). Tem experiência na área de Letras - bem como na área de editoração e normalização de publicações científicas - atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, historiografias-coletâneas, subalternidade, (re) leitura e escritoras, escritas de si, escrita feminina, autobiografia, autoficção, (auto) formação, corpo. ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-0602-5263>>. E-mail: gisasilva@uneb.br.

² Doutorado na área de Letras pela Universidade Federal da Bahia. Concluiu pós-doutorado em Letras - metacrítica feminista/Políticas públicas para a literatura feminina na UFMG (2015). É professora -classe adjunto- da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Crítica cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, subjetividade, micropolítica, gênero e crítica cultural feminista. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-6201-1499>>. E-mail: jpedreira@uneb.br.

³ Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2001). Atualmente é professora da Faculdade Santíssimo Sacramento e professora aposentada da UNEB/CAMPUS II. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Críticos, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura baiana e alagoínhas, cultura, gênero, memória, autobiografia e identidade. E-mail: mjosantos@uneb.br.

⁴ Mestranda (2022) no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, Campus II, Alagoínhas-Bahia. Pesquisa Literatura de autoria feminina contemporânea da região Litoral Norte e Agreste Baiano sob orientação da Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira (UNEB) ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-3690-3036>>. E-mail: nessalaura2013@gmail.com.

Abstract

This is a reflection on the literature authored by women from Alagoinhas (BA). Therefore, we aim to bring to the forefront some female writers and their works, accompanied by a discussion of the topics addressed in their texts, as well as how these women have been producing and giving visibility to their writing. In addition, we engage in a debate about our independence, drawing on the word work developed by each studied writer and their process of production and publication. For this purpose, as we mentioned, we have selected some Alagoinhas writers and excerpts from their work, as well as considered research on the topic and other relevant studies. In this sense, we highlight some authors who help us in our reflection, such as Schmidt (2017), Alves (2005), Lugones (2020), Santiago (2020), among others. Finally, we realize that the female writers from Alagoinhas have appropriated the word and have helped us reflect on ways in which our lives can be imprisoned, as well as indicating signs of resistance that lead us to think about our true independence. This work, built in partnership and without relying on more specific and systematic policies, points out demands and paths woven in and with literature, recalling memories, stories, and other perspectives against a capitalist-patriarchal-racist-colonial system, and in favor of a re-existence.

Keywords: Literature. Female production. Independence. Re-existence.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde quando a mulher, aquela que sempre fora considerada objeto de representação, se apoderou do código escrito, tomou a palavra, como nos diz Schmidt (2017), as mulheres têm buscado expressar seus sentimentos, sua visão de mundo, inclusive via escrita literária. Em Alagoinhas (BA), isso não tem sido diferente. As pesquisas mostram a significância e a expressividade da literatura feita por mulheres, o desejo que estas apresentam frente ao trabalho com a palavra, com a literatura e, ao mesmo tempo, como têm feito o uso desta palavra, da escrita literária.

Dessa forma, neste artigo, buscamos trazer uma mostra da literatura produzida por mulheres alagoinhenses, ao mesmo tempo que buscamos refletir, com essa produção, sobre signos de independência que podem ser tecidos e retecidos, a partir de suas textualidades. Sendo assim, seguindo esse fio condutor, nosso texto será dividido em três seções, com exceção das considerações iniciais e finais. Na primeira seção elegemos duas autoras alagoinhenses do século XX, Maria Feijó e Joanita Souza, para refletirmos sobre algumas de suas obras, através de trechos aqui recortados, observando o que elegem para narrar-versejar, como falam de sua cidade natal, que histórias e memórias são relatadas.

Na segunda seção, nos debruçaremos sobre a produção de Izabel Silva, Alda Mota e Bruna Meyer, escritoras alagoinhenses contemporâneas, que têm buscado desenvolver a arte da escrita. Em suas produções, também observaremos do que tratam, como as histórias de si e de

sua cidade são recontadas, apontando para um trabalho de emancipação, combate prático-discursivo constante, ressignificação.

Na terceira seção, faremos uma reflexão sobre os modos de produção dessas e de outras escritoras do município e região, das demandas que percebemos nesse processo, das dificuldades enfrentadas, assim como das estratégias que essas mulheres têm criado para produzir. Arrematando todo o texto, buscamos refletir sobre possíveis signos de independência que esta produção, esta discussão pode expor, nos levando a pensar em outras ações, outros movimentos cooperativos, que ampliem, provoquem, constantemente, uma interpelação sobre nosso viver-ser independente que evoca nossas baianidades.

2 MARIA FEIJÓ E JOANITA SANTOS: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS, A INDEPENDÊNCIA COM A PALAVRA

Alagoinhas é uma cidade localizada ao Litoral Norte e Agreste Baiano. Uma cidade polo que agrega tantas outras. Possui considerável quantidade de escritoras, que sugerem seu pertencimento baiano em forma de versos e narrativas que esbanjam sentimentos, desejos, anseios, frustrações, proposições e perspectivas.

Considerando um trajeto histórico, de apagamento e inviabilização do sujeito feminino e sua produção literária, em meio às dificuldades, aos poucos, as produções literárias de escritoras, (contistas, cordelistas, cronistas e poetas) foram surgindo. Como nos diz a pesquisadora Ívia Alves (2005), a primeira tentativa de as mulheres saírem do encarceramento (que lhes confinaram) foi através da escrita. Apropriando-se deste dispositivo adentram, mais especificamente, na arena discursiva e começam a perceber as barreiras que as prendiam. Neste movimento, rumo a uma libertação, a uma independência, podemos citar, em Alagoinhas e região, vários nomes de escritoras.

Muitas escreveram e tiveram seus textos guardados, sem conseguir publicação, outras, com recursos próprios e alguma ajuda, conseguiram tornar público suas produções, como: Alealda P. Miranda, Cristiana Alves, Luana Cardoso, Dalva A. Reis, Marina O. Reis (falecida em junho de 2016), Luzia das V. Senna, Lia Ferreira, Margarida Souza, Edna Almeida, Mirian Pinto, Camila Rocha Silva, Noêmia Alves e Isabel Cristina Silva. A tecnologia também permitiu que algumas publicassem através de E-Book, como é o caso de Maria José Peres, Madrilena Berger, Linna Rios, Margô Lopez, Fátima Berenice, Iraci Gama, Hevy Lorenza, etc. Para refletirmos brevemente neste tópico sobre seu fazer literário, através de uma pequena

mostra de sua produção, selecionamos as centenárias alagoinhenses Maria Feijó e Joanita da Cunha Santos.

Maria Feijó nasceu em 27/11/1918 (Alagoinhas) e faleceu em 04/06/2001 (Rio de Janeiro). Criou, em 1950, a “Hora da Biblioteca”, no serviço de autofalante local, inserindo na programação a “Escola de Brotinhos,” onde a juventude encontrava espaço para a prática literária. Escreveu e publicou quinze (15) livros e colaborou em treze (13) jornais interioranos. O resultado de seu trabalho rendeu-lhe oito (8) menções honrosas e títulos. Em Alagoinhas, tem seu nome em uma rua e nomeia a Biblioteca Municipal da cidade.

Maria Feijó escreveu utilizando-se de pseudônimos (Marijó, Moreninha Bamba, Geisha, Gladys, Senhora, Suzete), como era propício naquela época, em que, muitas vezes, as mulheres, impedidas de participarem do campo literário, usavam táticas, como nos diz Moreira (2012) para se inserirem na cena literária e se auto-representarem. Em Maria Feijó, percebemos que recordar é viver a infância, a juventude e a vida adulta. Desde cedo, não se via presa em Alagoinhas, quebrava fronteiras, daí a vontade de conhecer cidades maiores em busca de outras oportunidades. Assim, a escritora mudou-se, à fase adulta, para o Rio de Janeiro, onde fundou o Centro Literário Amigos de Maria Feijó (CLAM), cujas reuniões abordavam discussões literárias.

Em *Alecrim do tabuleiro* (1972), um de seus renomados livros, as crônicas descortinam a Alagoinhas de meado do século XX, ressaltando conflitos e prazeres em meio a descrições de ruas, praças, rios, festas e pessoas de modo geral. Para falarmos mais especificamente de algumas destas crônicas, podemos dizer que em “Coisas de infância” rememora uma escola tradicional à época: Escola Jesus, Maria, José, bem como a Rua José Olímpio: “Coisas de infância permanecem latentes, nítidas, em nosso subconsciente e, lá um dia, sem que o queiramos, tomam um impulso, enchem-se de força e vêm à tona [...]” (1972, p. 26). O festejo carnavalesco também não deixa de ser sugerido em “Os carnavais que se foram...”:

[...] Os automóveis abertos, dos ‘magnatas’ da Cidade, com suas respectivas famílias, geralmente mocinhas e rapazinhos (por enquanto não havia ‘play-boys...’) fantasiados com fantasias iguais – para moças, umas, e rapazes [...].

Maria Feijó, assim, conclui *Alecrim do tabuleiro* (1972, p. 128):

[...] uma braçada verde e cheirosa, misturada a pitanga fidalga e gentil da casa do sítio como naquelas antevésperas de Natais que se foram... uma braçada, repito, de... alecrim do tabuleiro...

Apesar das crônicas, a poesia também marca a escrita de Feijó. Em seu livro *A canção azul do tempo*, selecionamos o poema “O canto da manhã da vida” (FEIJÓ, 1998, p. 30-31), por expressar uma posição da escritora frente ao mundo. Assim diz:

Eu espero, ainda,
o canto da manha da vida!...
[...]
Aquele que terá
o tom de todas as vozes,
a cor de todas as cores,
o ar de todas as épocas.
Sem fronteiras, preconceitos,
discriminações!
[...]

O eu lírico de Maria Feijó extravasa o sentido do amor ao sugerir sua ausência entre as pessoas, no mundo, marcado por discriminação e preconceito. Dessa forma, espera e propõe uma outra manhã, uma outra vida e por isso canta: por todas as vozes, todas as cores e tempos, sem preconceitos e discriminações. A moça, que desde cedo fundou uma escola de brotos literários, vai nos revelando sua preocupação com o mundo, sua perspectiva de formação de outro possível e sua arma-palavra.

No que diz respeito às trovas que também compôs, citamos uma abaixo, que reforça as saudades de Alagoinhas:

Às vezes, nas tardezinhas,
Destes dias de verão
Eu sinto de ALAGOINHAS,
Saudades no coração (FEIJO, 1988, p. 147).

Entre seus sonetos, em “Pedacos de felicidade” (FEIJÓ, 1998, p. 137), novamente remete-se a Alagoinhas, sua adolescência, permeada de saudades. A cidade reaparece, como lugar de sonhos, apontando para as manhãs possíveis de um mundo, que implica, essa fatura de um novo mundo, em não esquecer sua história, seu lugar. Condiz, portanto, em rever, reescrever em sua escrita sua vida. Afinal, escrita e vida de Feijó se misturam na sua produção, como nos sugere pensar Santos (2010), ao fazer uma leitura autobiográfica de sua textualidade, das crônicas da professora primária, bibliotecária, Maria Feijó, entusiasmada pela Literatura e criadora da Biblioteca Ruy Barbosa, a primeira em Alagoinhas

Alagoinhas, doce terra amada

Que minha adolescência acalentou;
De sonhos belos, puros, orvalhada,
Lindas canções pra mim, sempre cantou...
[...]

Das memórias e histórias de Alagoinhas, na escrita de Maria Feijó, veremos, a seguir, o traçado de Joanita da Cunha Santos. Outra centenária como Feijó, Joanita Santos passou a residir em Belo Horizonte, mas a escritora nasceu em Alagoinhas em 09/11/1920. Já morando em território mineiro publicou três livros: *Meu tempo de criança* (s.d), onde narra suas lembranças de tempo infantil; *Traços de ontem* (1987), no qual aborda suas experiências cheias de saudade; e *A vida num balanço* (1987), no qual revela sua sensibilidade poética.

Em *Traços de ontem*, portanto, contempla o cenário citadino alagoinhense, como podemos ver quando diz “Alagoinhas foi o nosso berço. Lá vimos o sol nascer e morrer todas as tardes incendiando o céu no horizonte. Lá corremos de pés no chão pelas ruas, e andamos depois, numa sequência natural de vida” (SANTOS, 1987, p. 14).

Em “Vida sócio-cultural” uma de suas crônicas, vislumbra a vida cultural da cidade, comparando o bar de Salvador, “Café das Meninas” ao Salão Moderno de Alagoinhas, onde existia um Salão Nobre que mantinha uma exposição de quadros, inclusive o do Comendador Moreira Rego, um dos fundadores da cidade. As festas aconteciam às Praças J.J. Seabra e Conselheiro Ruy Barbosa, onde as bandas Euterpe e Ceciliana animavam a população: “[...] das belas coisas de um tempo que passou, ficaram essas autênticas expressões sócio-culturais, fazendo parte do acervo do lugar” (1987, p. 40).

Em *Nossa família* (1987) narra à casa de sua família à Rua Conselheiro Saraiva, próximo à Praça Conselheiro Ruy Barbosa, vizinha à residência de Suzana Melo Barreto e depois ocupada pela Escola Santíssimo Sacramento.

Passando aos poemas, em *A vida num balanço* (1987, p. 14) destacamos “Visão do alto” (1987, p. 14), onde seu eu lírico se põe em uma visão privilegiada de ver o céu, mas, ao mesmo tempo, essa visão cobre a vida quando a autora afirma ao revelar que “Do céu se vê/ a terra toda envolvida num véu azul/ do azul do céu/ cobrindo a vida.”

Dessa forma, o retorno ao passado marca a narrativa, aqui selecionada, de Feijó e Joanita Santos. Em Santos, a imagem das festas, dos rituais, do Salão Nobre, também se mostram como símbolos de viver bem. Mas, ao mesmo tempo, quando se propõe colocar a vida em balanço, nos leva a refletir sobre os véus que cobrem a vida. Aqui pensamos nós no véu do capitalismo que reduz tudo a ouro, nos impedindo de enxergar, de fato, a vida, cobrindo-a, portanto.

3 IZABEL SILVA, ALDA MOTA E BRUNA MEYER: OUTRAS NARRATIVAS, CORES, ANCESTRALIDADES NA TESSITURA DE SI, DE ALAGOINHAS, DA BAHIA E DO BRASIL

Se com as centenárias Joanita Santos e Maria Feijó o retorno ao passado, a Alagoinhas marca suas narrativas memorialísticas, nas escritoras contemporâneas que selecionamos, também veremos esse retorno às raízes, trazendo para cena suas histórias, outras histórias. É o que podemos perceber na narrativa de Izabel Cristina da Silva.

Com uma escrita carregada de ludicidade, a autora que já lançou oito obras voltadas para o público infantil, tem re/contado histórias, discutindo pautas significantes, através de sua escritura e personagens, como a valorização do sentimento de pertencimento e valorização-percepção do lugar em que vive. Com isso, tem apostado em narrativas locais, abrindo o campo da criatividade para rasurar uma história única, imposta por um processo de colonização capitalista, racista e patriarcal, que ainda perdura, como nos lembra Lugones (2020), ao problematizar uma colonialidade, inclusive de gênero, que continua apagando sujeitos, sujeitas e sua atividade.

Sendo assim, em seu livro infantil *Era uma vez... Alaflozinhos*, Isabel elege Alagoinhas como foco, espaço-tempo de sua narrativa, convocando os elementos-sujeitos-sujeitas do lugar para compor essa outra história, sua-nossa história. O olhar levado a se deslocar, fugindo do torcicolo de tomar o outro, o branco, o eurocêntrico, sempre como referência, é exercitado. A rasura de uma história-mirada única, que aprisiona nossa independência, já começa pela capa, quando traz as protagonistas da narrativa, personagens locais-ficcionais, cujos nomes são de flores, *Calliandra*, *Orquídea* e *Portulaca* lembrando-valorando a flora local. Traz também a imagem da Igreja Inacabada do Santo Antônio, localizada na parte da cidade, chamada de Alagoinhas Velha, como signo dos embates discursivos na construção da nossa história. A autora traz para cena pontos históricos da cidade e também amigos escritores associados à Casa do Poeta de Alagoinhas (Caspal), através de personagens mencionados na história.

A trama inicia com uma missão interdimensional que é delineada e empenhada por *Caliandra*, *Orquídea* e *Portulaca* e seus pais *Álags* e *Hoiná* (Alagoinhas), que diante da ameaça de escassez de água em seu planeta Caspal e sob um governo tirano e escravocrata de seu rei, viajam ao “planeta azul” (p. 3) em busca da “solução para a carência de água”. A família passa por um portal e vislumbra outros pontos do planeta como as Muralhas da China, o Coliseu, as

pirâmides e a Esfinge de Gizé, o Cristo Redentor onde “pararam por um instante para descansar sobre um dos braços da estátua do grande homem” (p. 5).

A partir daí são deixadas pelos seus pais em uma escola para que possam, através dos “olhos de mel” receberem as instruções para levarem a “água de excelente” qualidade para seu planeta (p. 3). Neste ponto, salientamos como o local e o global são imbrincados, como não há um fechamento no local, nos levando a pensar tanto nos conflitos que aprisionam, como nas interconexões possíveis de se estabelecer, por vias mais horizontais. Importante demarcar também, voltando mais a história criada por Izabel Silva, que a água tematizada pela autora, e várias outras escritoras, como elemento que todos precisam cuidar, que impulsiona o movimento das personagens, tem como base a própria história de Alagoinhas, baseada em suas muitas lagoas, enquanto potencial aquífero. A água da cidade de Alagoinhas, que completa, em 2023, 170 anos, é considerada, segundo pesquisas, como “a melhor água do mundo” como apontado no artigo escrito pelo jornalista alagoinhense Paulo Dias e publicado no site da Prefeitura Municipal⁵ da cidade”.

A partir de certo momento da narrativa, a autora tece a trama remetendo a pontos históricos, memoriais de Alagoinhas, como o *Totem do Pau Pintado*⁶ (p. 15-16), que segundo Izabel, tem sido esquecido pelas gerações mais novas, o *Estádio Antônio Carneiro*, o *Carneirão*, situando o Alagoinhas Atlético Clube (p. 21-23), cujo mascote é em homenagem a ave Carcará, que compõe a fauna da região, e a citada *Igreja Inacabada do Santo Antônio* (p. 24-31), padroeiro da cidade.

Seguindo a narrativa, através das aventuras das três Alaflorzinhas, a autora também menciona o trem e a *Estação São Francisco* (p. 25-37), a *Praça do Coreto* (p. 38-39), sinalizando também o movimento de arte e cultura da cidade, como elementos a serem considerados, através da música, dança, capoeira e artes plásticas, ao homenagear o artista plástico alagoinhense Ed Carlos Alves Santana, que, em 2022, fez uma exposição de suas obras na Biblioteca Municipal Maria Feijó⁷.

⁵ Referência acessada em 09 de abril de 2023 no site da Prefeitura Municipal de Alagoinhas através do link <https://www.alagoinhas.ba.gov.br/index.php/169-anos-de-alagoinhas-pesquisas-fortalecem-referenciais-historicos-da-cidade/#:~:text=%C3%89%20poss%C3%ADvel%20agora%20dizer%20que,as%20duas%20melhores%20do%20mundo%E2%80%9D>.

⁶ Para ver os pontos históricos podem ser acessados através do link <https://www.alagoinhas.ba.gov.br/index.php/pontos-turisticos/>.

⁷ Mais detalhes sobre a exposição do artista plástico Ed Carlos Alves Santana através do link <https://www.alagoinhas.ba.gov.br/index.php/biblioteca-maria-feijo-recebe-exposicao-do-artista-ed-carlos/>

A autora também relatou em entrevista concedida a Vanessa Silva Paz⁸, que não demarca, na construção das narrativas, questões raciais de forma explícita ou que enredam a trama, mas evidencia, através das ilustrações, a tez negra das personagens principais, como é o caso das três Alaflozinhos, considerando o fato da ancestralidade étnico-racial dos antepassados do litoral norte e agreste baiano ser afro-indígena, como impulsiona a outras pesquisas e histórias, Iraci Gama Santa Luzia (2022), que se debruça há muito tempo sobre as memórias, narrativas e identidades de Alagoínhas. Este livro de Izabel conta, inclusive, com o primoroso trabalho visual da ilustradora Weila Suelen, que atendeu as propostas da autora.

E assim, através da literatura destinada às crianças e adolescentes, Izabel Cristina da Silva ou também conhecida como Professora Bel, filha de seu João e dona Maria, educada e criada nas terras férteis de Alagoínhas, tem reelaborado realidades e cenários desse povo alagoínhas-baiano, através de suas histórias, marcos de memórias, da valorização de raízes ancestrais pelas tramas da ludicidade literária.

Essas raízes ancestrais alagoínhases, baianas e brasileiras, são ainda mais bem exploradas, no que diz respeito a um processo de dominação e de independência, pela escritora negra Alda Santos Pereira, que entre tantos textos, escreveu *O som das raízes*. Com essa poesia ela abre a antologia *Bardos Baianos-Litoral Norte e Agreste Baiano*, organizada pelo jornalista e escritor Ivan de Almeida (2022), como fruto de um projeto que busca dar visibilidade a escritoras e escritores dos territórios de identidade baiano. Abrindo a coletânea e iniciando o poema, escreve Alda Pereira (2022, p. 33):

Estou ouvindo os tambores
Um som de longe
Que chama os nomes
Daqui e de além
Será que é um irmão que chega?
Será um invasor que vem?
Se for, recolhe os filhos!
Se for, esconde-os bem!

Alda Mota, portanto, reforça a importância de ouvirmos o som das raízes. Traz para sua cena literária os tambores, enquanto linguagem africana, a chamar, a alertar para quem chega: *pode ser um irmão, pode ser um invasor*. Parece nos convocar para ouvir esses tambores, considerar a ancestralidade forte dos povos de África, que foram sequestrados, escravizados e

⁸ O projeto de pesquisa de mestrado, da referida autora, em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural, tem buscado mapear escritoras de Alagoínhas e entorno. Seus resultados parciais tem sido divulgados nos Seminários Interlinhas do citado programa.

dispersados na diáspora. Povos que nos constituem, que ajudaram a construir Alagoínhas, a Bahia, o Brasil e que ainda hoje vivem sobressaltados se perguntando quem vai chegar: pode ser um irmão de longe, revelando o crime de separação, de sequestro, pode ser um invasor, um policial em nome da justiça, que ainda hoje mata e encarcera aos montes os jovens pretos, os filhos dessa nação Alagoínhas-Bahia-Brasil. Pode ser o invasor, o colonizador de sempre, com seu manto patriarcal-capitalista-racista explorando mulheres negras, expropriando o seu corpo, o corpo das pretas filhas dessa nação.

O poema da autora soa como se fosse esse tambor que bate em nossos corpos, em nossas mentes, nos alertando do perigo iminente, de como essa colonialidade patriarcal-capitalista-racista, ainda nos aprisiona, encarcera muito mais mulheres negras, homens, meninos e meninas pretas, de periferias. Os tambores que Alda Pereira desenha, no labor da palavra, rasgando o silêncio, para, a depender do toque, despertar guerreiros:

Os tambores de ontem e de hoje
Rasgam o silêncio da noite
[...]
Mas, a depender do toque,
Despertam os guerreiros
Acordam as nações.

Sendo assim, Alda Pereira rasga silêncios, ergue a voz de uma mulher negra, de mulheres negras, de populações negras, alagoínhasenses, baianas, brasileiras, a nos despertar para refletir sobre que nação independente queremos, como pode uma nação ser independente se seu povo, negro, construtor de sua riqueza, ainda permanece acorrentado, explorado, assombrado com a perseguição constante, e ainda presente, do colonizador.

Nesses passos, nos ajudando a refletir sobre nossa independência trazemos para a cena a escritora também alagoínhasense, Bruna Meyer, com o seu poema ainda inédito *Que cores que pintam o meu passado?* Bruna Meyer é historiadora, professora de dança do ventre, atriz e escritora, se autoidentificando como uma mulher afro-indígena alagoínhasense. A história dos que vieram antes é tão pungente em sua escrita que a escritora pesquisou sobre o ator alagoínhasense Antônio Mario dos Santos (1922-2002), o qual, segundo ela, contribuiu “para a resistência teatral, artística e intelectual de Alagoínhas e o circuito cultural na cidade entre 1961 e 1987” (MEYER, 2022).

Assim como Antônio Mario dos Santos, Bruna Meyer é uma artista múltipla e Alagoínhas pulsa no sangue afro-indígena da mesma a tal ponto que tem desarquivado suas produções poéticas, nos convocando a discutir essa re-vivência ancestral de modo singular e

coletivo, como as demais escritoras alagoenhenses citadas nessas páginas. A autora traz em sua escrita a ancestralidade das mulheres negras e indígenas antes de nós, as cores apagadas por uma tinta branca, que se instaurou como única cor, única história. Dessa forma, começa seus versos:

Um corpo preto, amarronzado
Que ao buscar sua identidade no tempo
Tornou-se uma tela em branco:
Sem pintura ou moldura nos cantos
Só a terra lhe aponta um precedente:

Pela terra tornou-se o que é, naturalmente
Neta de pretas velhas e indígenas
Mas a tela em banco, aos ouvidos lhe grita
Quem são essas outras que lhe consistem?

O texto, portanto, parte da pergunta identitária de um corpo amarronzado. Pergunta que assola a todos nós: quem sou eu, quem somos? O que é Alagoinhas, A Bahia, o Brasil? Meyer nos sinaliza que há uma tela em branco que insiste em nos escrever, em nos tornar tela em branco, uma única cor, mas que ao olhar para a terra, e reencontrar sua gente, reencontra suas cores: de pretas velhas e indígenas. Mas Meyer insiste em dizer que a tela em branco não desiste: quer saber quem são as outras que nos consistem. Ao que Bruna, na sua narrativa, responde: São as nativas que aqui viveram: “*Redondas, Cambinas e Marias, Mães Santas, Vó Zefas e Vó Lias*”. Mas Bruna sabe que estas cores, saberes, cosmologias foram escondidas, apagadas, sob uma origem inventada para a terra que fora tomada.

Na luta contra a página em branco, o branco que persiste, a escritora até encontra um vermelho, do urucum ancestral, mas que se confunde com o sangue que remonta a um genocídio dos povos originários ainda hoje perpetrado:

Um vermelho outro até persiste
Do urucum ancestral contra a brancura
Mas se confunde com o sangue nas mãos
Daqueles que “limparam” meus irmãos
E com o tempo me desbotou

Para Meyer, “resiste um vermelho que não se apagou”, mas ainda falta tanto. É justamente com esse olhar para a terra, em movimento de retorno em diferença, que se pode construir os caminhos, se achar, se reencontrar, se afirmar, ser, deixar de se anular no branco universal que apaga as outras cores:

Cravo na terra pra ver se me acho
Faço dela um retorno, meu manto
Torno-me parte de minha ancestralidade
Mas a memória que falta a esse resgate
Me faz voltar a tela em branco

Mas a escritora alerta: a “memória que falta a esse resgate”, acrescentamos, a forma de rememorar esse resgate, pode fazer “voltar à tela em branco”. Bruna Meyer, assim como as outras escritoras aqui arroladas, nos mostram, com seu labor literário, como é importante o trabalho da escrita, da reescrita, rompendo as linhas universais, sem cores outras, da página em branco que insiste em contar a nossa história. Com esse trabalho com a palavra, vão nos dando pistas para confrontar esse branco da página que nos apaga, nos anula, nos desbota, nos amortece. São muitas as pistas: o combate ao capitalismo-racismo-patriarcalismo-colonialismo, o retorno às memórias, a nossa narrativa de si, a nossa terra e, principalmente, a crença na palavra, na literatura, como empunham, como arma eficaz para nos fazer refletir, perguntar quem somos, de onde viemos, como estamos vivendo e como podemos ser-viver.

4 O TRABALHO COM AS PALAVRAS OU ESCRITORAS ALAGOINHENSES TECENDO A INDEPENDÊNCIA: DEMANDAS E PROPOSIÇÕES

Considerando a importância dessa literatura, o trabalho significativo com a palavra, rompendo páginas em branco, inclusive para mulheres, que neste modelo de independência ainda têm sido muito aprisionadas-violentadas, nos perguntamos como esta literatura, estas escritoras têm produzido, que tipo de apoio têm encontrado, ou não, que estratégias, demandas e proposições visualizamos nesse processo.

Podemos começar dizendo que algumas questões são fundamentais para entendermos a produção literária de autoria feminina na cidade de Alagoinhas (BA). Sendo assim, as reelaboramos: como essas escritoras de Alagoinhas (BA) enfrentam os desafios de produzir e divulgar suas obras em um mercado editorial predominantemente patriarcal? Elas têm encontrado soluções para isso? De que maneira a Casa do Poeta de Alagoinhas (CASPAL) tem sido fundamental nesse processo? Neste contexto, não queremos perder de vista que, para que essas escritoras sejam devidamente reconhecidas-lidas-refletidas, é necessário fortalecer as políticas públicas e aumentar a visibilidade da sua produção, que é rica e muitas vezes subvalorizada.

Ao analisarmos mais cuidadosamente a questão das dificuldades enfrentadas pelas escritoras perceberemos que estas são diversas e que muitas vezes se iniciam desde sua infância, e reflete em sua idade adulta, em seus textos, carregados, como vimos, de marcas do passado. Assim, muitas vezes encontramos escritoras, mulheres, que tiveram negado o direito ao estudo e, conseqüentemente, o direito de sonhar.

Como ilustração tomaremos como base a história da escritora Luzia Senna que foi impedida de estudar, cursando apenas a primeira série, pois o seu pai considerava ser o suficiente para pessoas de condição humilde, refletindo, assim, a ideia de uma época em que a educação não era considerada uma prioridade para pessoas pobres, uma realidade em que a educação não era valorizada e/ou acessível para todos. Ao ser impedida de estudar, deixou para trás o desejo de ser professora, o que reflete na sua produção literária, pois quando Luzia Senna começa a escrever, faz escondida, com timidez e vergonha das outras pessoas lerem os seus textos por só ter cursado a primeira série. Isso expressa um traço da dificuldade de tornar-se escritora no interior da Bahia, como nos diz Silva e Moreira (2019). A educação, portanto, é uma ferramenta importante para a mobilidade social e o desenvolvimento dos indivíduos, logo, a falta de acesso à educação pode impedir, em uma certa medida, o desenvolvimento de talentos.

Entretanto, se em um passado, não muito distante, essas mulheres foram impedidas de estudar, hoje estamos vendo uma nova geração de escritoras que tiveram/têm acesso à universidade, e muitas das vezes, por meio das políticas públicas de inclusão educacional. É inegável que essas políticas são importantes na democratização ao acesso à educação, permitindo que pessoas de realidades sociais diferentes tenham oportunidade de desenvolver as suas habilidades.

No decorrer de anos de pesquisas percebemos que as dificuldades dessas escritoras iniciam no acesso ao texto escrito, mas que também, quando estas resolvem escrever os seus textos, passam pelo engavetamento ou são queimados por maridos, irmãos e até por elas mesmas, mas estas conservam um sonho de que essas produções saiam das gavetas empoeiradas. Percebemos também, através do diálogo, das pesquisas realizadas com as escritoras, que nesse percurso existem pessoas que, de alguma maneira, tentam suprir as dificuldades, seja das produções ou visibilidade das suas obras. A família, amigos, professores universitários, em geral mulheres, instituições literárias locais, formam uma rede de apoio para essa produção.

Assim, escritoras de Alagoinhas vêm construindo o seu espaço por meios alternativos. Dessa forma, se publica de uma forma alternativa assim como se divulga de uma forma

alternativa. Como já dito anteriormente, muito desse apoio para a publicação dos seus trabalhos vem da família. E uma das estratégias utilizadas por essas mulheres é fazer tiragens pequenas com vendas de exemplares antecipadas para os familiares. Sendo assim, como podemos perceber, a falta de apoio dos órgãos públicos nesse processo é uma constante nos relatos dessas mulheres, sendo essa, uma das principais dificuldades. As políticas públicas ainda são muito tímidas e pouco sistemáticas nesse sentido, como nos diz Moreira (2015), ao ouvir escritoras e se debruçar sobre planos nacionais de políticas para mulheres e para a cultura.

Além da família essas escritoras têm encontrado o incentivo da universidade nesse processo, suas obras têm sido trabalhadas com alunas e alunos do Curso de graduação em Letras, da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, divulgadas para um público mais amplo e muitas pesquisas passaram a ser desenvolvidas a partir dessa produção literária.

É clara a importância da mediação, de ações desenvolvidas pela Universidade e, nesse sentido, a demanda pelo fortalecimento desta cooperação é fundamental. A demanda por políticas públicas, por ações conjuntas. Também fica clara a importância de se estudar, considerar os escritos femininos como expressão de uma cultura feminina que entrelaça literatura, vida, resistência, saberes.

A outra maneira que essas mulheres têm encontrado para fazer com que suas produções circulem tem sido através da Casa do Poeta de Alagoinhas (CASPAL) que é uma instituição sem fins lucrativos, criada visando unir artistas, despertar e incentivar novos talentos, criar um ambiente favorável para suas produções e a divulgação de suas obras. A instituição realiza diversas ações, tais como: feiras de livros, oficinas, recitais, visitas a escolas, entrevistas em meios de comunicação, concursos literários, lançamentos de livros etc. Tais iniciativas visam potencializar a literatura alagoinhense e do entorno, despertar novos talentos e fomentar a cultura local.

São várias as ações que a CASPAL desenvolve em prol das atividades literárias e conseqüentemente da escrita feminina, porém, não dispõe de recursos, cabendo aos escritores arcarem com todos os custos de suas publicações. O que a instituição pode e faz é o trabalho de divulgação da produção de seus associados.

Essa divulgação vem sendo feita através de rádios, jornais, revistas, etc. Aliado a isso se faz presente, representando os associados, em comemorações das datas cívicas e em eventos como feiras, fóruns, atividades das bibliotecas, de grupos sociais, em pesquisas, seminários e outros eventos de educação e cultura promovidos geralmente pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Também realiza vendas dos livros na sua própria sede. Além disso, a escrita

local, os livros-textos produzidos por mulheres ganham visibilidade através de pesquisas ou trabalhos realizados por professores e professoras da Universidade, como já dissemos.

A CASPAL, inclusive, possui um projeto intitulado "A Poesia em Sua Vida", cujo objetivo é divulgar e visualizar as produções dos artistas e incentivar novos talentos, com isso impulsionando a convivência do novo artista com os escritores da CASPAL. Esse projeto iniciou com a posse da Presidenta Madrilena Berger e consiste em algumas etapas. Uma delas compreende visitas às escolas, nas quais os escritores têm a oportunidade de expor suas biografias e obras para os alunos, buscando estimular o interesse e entusiasmo pela leitura e criação literária. Durante as visitas, há também contato com as diretorias das escolas para a compra dos livros dos escritores. O projeto abrange visitas às escolas, estaduais, municipais e particulares, às universidades e faculdades.

Outra etapa do projeto é a apresentação dos novos talentos, que ocorre no aniversário da CASPAL, por meio de música, poesias, danças, etc. A instituição também promove concurso literário que envolve tanto os escritores já conhecidos, como os novos talentos, buscando incentivar a produção e aprimoramento das habilidades literárias.

O que vemos, então, é que a CASPAL, que ocupa um lugar pequeno no Mercado de Artesão⁹, é uma instituição sem fins lucrativos e justifica com esse ponto e com a falta de apoio mais sistematizado-legalizado, por parte dos órgãos públicos, o fato de não poder ajudar seus associados na publicação de suas obras. Sendo assim, como já dissemos, tem buscado apoiar essas escritoras através da divulgação dos seus trabalhos. Portanto, a Casa do Poeta tem funcionado como uma estratégia de divulgação e solidificação de um mercado alternativo que se tem criado. Mercado alternativo que inclusive tem um saldo existencial muito rico, criativo, como revela Santos (2015) em sua pesquisa.

Nesse mercado alternativo, em geral, aos grandes circuitos, das grandes editoras, o papel dos apoiadores das escritoras — família, universidade, instituição literária — é fundamental para garantir que suas vozes e histórias sejam ouvidas e valorizadas. É importante reconhecer essas contribuições e trabalhar para criar mais oportunidades de apoio e visibilidade para as escritoras alagoanhenses, até porque, como nos diz Moreira (2020), alguns passos foram dados no sentido de promover a literatura baiana, mas muito ainda precisa ser feito, ser retomado, inclusive com mais impacto nos interiores da Bahia, nos sujeitos que historicamente tiveram

⁹ Um espaço da prefeitura composto por boxes, nos quais os artistas/artesãos da cidade comercializam os seus trabalhos.

seus direitos denegados, foram apagados sob o manto do desenvolvimento e independência para todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a literatura alagoinhense, mais especificamente produzida por mulheres, tem criado meios próprios para produzir e circular. Diante do silenciamento imposto, historicamente às mulheres, que se acentua conforme sua cor-etnia, classe, região em que situa, etc., podemos perceber que mulheres escritoras de Alagoinhas têm se apropriado da palavra, ousado gritar-escrever, publicar, ainda que sem políticas públicas mais específicas e sistemáticas. No seu trabalho com a escrita, a partir do que recortamos, podemos perceber um traço memorialístico forte, mas um impulso em retomar outras memórias e histórias apagadas, não contadas. Alagoinhas, seus marcos históricos, sua gente ganham a página escrita, que se reveste de muitas cores, pois o trabalho de insurgência na e com a escrita destas mulheres, nos levam a revirar uma história contada como única, em geral a do outro, feita pelo outro.

Tais escritoras, portanto, proliferam outras histórias, pontuam sua escrita com vários signos que nos levam a pensar a nossa existência, a questionar nossa independência, quando um povo ainda é interditado, silenciado, acorrentado, perseguido, exterminado ainda nos dias de hoje. Retecendo suas produções encontramos dispositivos que nos ajudam a interpelar um capital-patriarcal-racista e sua noção de desenvolvimento, de independência, de nação livre. Com tais escritoras vamos potencializando Alagoinhas, com as lagoas que a constituem, Alaflorzinhas, com suas flores, ou seja, sua-nossa água, sua-nossa flora, fauna, uma natureza, que em Alagoinhas, no Brasil e no mundo, precisa ser levada em conta, ser cuidada, sob pena de continuarmos, nesse caminho de exploração, descarte e depredação, nos autodestruindo, pena de não durarmos, enquanto ser vivo, por muito tempo.

A literatura dessas mulheres, portanto, nos ajuda a passar a vida em balanço, a ouvir o som das raízes, de nossos ancestrais, a buscar tecer uma manhã com todas as cores. Para isso, apostam em sulcar a página em branco, nos ensinando, nos convocando, por fim, com os tambores da resistência, a conferir a esse movimento ficcional-discursivo a potência de abrir caminhos de reexistência, como nos diz Santiago (2020).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ivan de (org.). **Antologia Poética Litoral Norte e Agreste Baiano**. Salvador, Bahia, 2022.

ALVES, Ivia. **Interfaces: ensaios críticos sobre escritoras**. Ilhéus: Editus, 2005.

FEIJÓ, Maria Feijó. **Alecrim do tabuleiro**. Crônicas evocativas de Alagoínhas. Rio de Janeiro: Max, 1972.

FEIJÓ, Maria. **A canção azul do tempo**. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1998.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. *In*. HOLANDA, Heloisa Buarque (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LUZIA, Iraci Gama. **Memória, narrativa e identidade: a cidade ferroviária de Alagoínhas**. Salvador: Quarteto, 2022.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Apresentação - A produção de autoria feminina. **Pontos de Interrogação**. Alagoínhas, v. 2, n. 1. p. 7-10, jan/jun, 2012.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Arquivos, literatura de autoria feminina e políticas públicas: uma imagem reflexiva sobre a Bahia. *In*. CANAL, Jordi; CORREIA, Luciana Oliveira; SANTOS, Osmar Moreira; **Bahia contemporânea sob o crivo de tradições fortes**. São Paulo, Campinas: Mercado de Letras, 2020.

MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais. **Revista Fórum de literatura Brasileira Contemporânea**. (on-line), UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, ed 13, jun, 2015.

PEREIRA, Bruna Meyer. **O ator e os seus múltiplos: a trajetória de Antonio Mário dos Santos e o circuito cultural em Alagoínhas (1961-1987)**. Alagoínhas, 2022. 164p.

SANTIAGO, Ana Rita. A literatura de autoria negro-feminina: um canto à (re) existência. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/14800/11127>.

SANTOS, Joanita da Cunha. **A vida num balanço**. Belo Horizonte: Graphilivros, 1987.

SANTOS, Joanita da Cunha. **Traços de ontem**. Belo Horizonte: Graphilivros, 1987.

SANTOS, Maria José de Oliveira. A crônica como sugestão autobiográfica: em cena a professora, bibliotecária e escritora alagoínhense Maria Feijó. *In*: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha Cordeiro; SOUZA, Elizeu Clementino (org.). **Memoriais. Literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTOS, Taise. **Modos de produção de escritoras negras baianas**. Dissertação de mestrado. Alagoínhas: Programa de pós-graduação em Crítica Cultural/UNEB, 2015.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada: ou o que acontece quando o objeto começa a falar. *In*. **Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

SILVA, Gislene Alves da; MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Tornar-se escritora no interior da Bahia: uma questão de resistência *In*: ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro; LIMA, Antonia Rosane Pereira (org.) **Censura e silenciamento: a literatura de autoria feminina em questão**. Alagoinhas: Editora Bordô-Grená, 2019.

SILVA, Izabel Cristina da. **Era uma vez... Alafloreszinhas**. Alagoinhas: Impact Gráfica e editora, 2018.

Submetido: 28/04/2023

Aceito: 04/12/2023